



# MODELOS DE SAÚDE NO BRASIL

Com a afirmação do poderio bélico e econômico norte-americano, suas ideias na área da saúde apontam para a América Latina. É com o golpe militar de 1964 que se instala no Brasil o modelo flexneriano, passando a ser modelo obrigatório no ensino de medicina a partir da reforma de 1968, e tendo forte presença também na formação dos demais profissionais de saúde.

O modelo flexneriano torna-se hegemônico, e se desenvolve a lógica do complexo médico-industrial, hipertrofiando os seguros-saúde, os hospitais privados, a venda de medicamentos e o incremento exagerado da solicitação de exames. Este é o modelo da biomedicina que se enraizou via mídia e senso-comum também no povo brasileiro.

Para desmontar isto na cabeça do povo, só com muitas explicações aprofundando a relação profissional-paciente para um patamar de confiança, de credibilidade, e contando essa historinha. Quando o povo entende que tem uma raiz histórica é muito mais fácil para ele entender o resto.

Como posso fazer educação em saúde, numa relação sujeito-sujeito, na qual eu possa aprender a valorizar o conhecimento do paciente para, na interação, oferecer uma proposta terapêutica, ou preventiva, ou de promoção de saúde, ou do conjunto, se não disponibilizar tempo, conhecimento e vontade de fazer isso?

Se pensar que pedir um ou mais exames, mesmo que desnecessários, e receitar alguns remédios que nem sabemos se o paciente vai tomar, seja mais fácil, mais ágil e menos dispendioso, há nisso um grande equívoco. Dessa forma reforçaremos fantasias, alimentaremos o complexo médi-

co-industrial, mataremos o SUS, gastaremos demasiadamente, não promoveremos nem solidariedade nem autonomia na relação entre profissional de saúde e indivíduos e população.

A crítica ao modelo flexneriano: Que modelo de saúde é este?

O modelo biomédico mal aplicado, segundo Camargo Jr (2003), considera o trabalho em Unidade Básica de Saúde (UBS) uma tarefa menor e se sonha com uma prática liberal, individual, privada, em alguma especialidade que fragmenta o corpo em pedaços.

O modelo da determinação social da doença não nega a atenção individual quando necessária, mas ela é contextualizada numa relação entre cidadãos.